

Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón

Thiago Mantuano*

Universidade Federal Fluminense

DRUMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*.

Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. 118 p.

Como o esporte pode influenciar na formação identitária de uma nação? Essa é uma das questões que Maurício Drumond aborda em sua dissertação de mestrado¹, que se tornou a obra *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*, que nessa resenha será objeto de uma análise crítica. No âmbito da História Comparada o autor faz um paralelo entre os governos de Getúlio Vargas (do Governo Provisório ao Estado Novo brasileiro) e Juan Domingo Perón (a Nova Argentina) observando suas similaridades e diferenças, com foco na utilização política do esporte por esses governos.

As questões centrais do estudo tratam: da relação do esporte com a manifestação de identidade nacional e como os governos analisados utilizaram disso; de como instrumentalizavam e controlavam o esporte para atender as suas demandas; e de como associavam o sucesso do esporte e os benefícios da prática esportiva aos seus regimes. Nos dois casos é importante notar o papel central desempenhado pelo futebol, que por diversas vezes (assim como em outros esportes) foi utilizado como forma de mediação entre o povo e o Estado.

Drumond associa esporte e cultura política para entender a simbiose entre práticas esportivas e ideologia oficial do Estado. O conceito de tradições inventadas², tanto política

* Graduando do Curso de História na Universidade Federal Fluminense.

como socialmente, é utilizado pelo autor como forma de entender as duas partes dessa simbiose. Como exemplo: as festas cívicas, que para serem legitimadas foram celebradas por diversas vezes em campos de futebol, o que ocorre também no caminho inverso, dando tons de oficialidade a cultura futebolística já popularmente adotada.

Os ideais de “nova raça” e “nova nação” foram propagandeados utilizando dessa importante ferramenta que era a união esporte/Estado, também ajudando a construir o sentimento de pertencimento e a exaltar o nacionalismo. Respeitando as especificidades de cada caso, o autor estuda a história dos esportes no período dos governos de Vargas³ e Perón⁴, para compreender melhor como se tentou formar essas novas identidades nacionais e de que forma o fenômeno esportivo foi utilizado para tal.

No primeiro momento o autor contextualiza o leitor do caminho percorrido por Vargas e Perón até o poder, sua consolidação, declínio e retorno, sempre intercalando com fatos importantes da vida esportiva que ocorriam enquanto esses atores políticos exerciam o poder e recebiam influências dos seus governados. Drumond ressalta a ligação ideológica dos dois governos com o nazi-fascismo europeu e como esses se inspiraram nas propagandas italiana e alemã, buscando utilizar o esporte como ferramenta de propaganda política.

Mesmo em épocas diferentes, Perón e Vargas chegaram ao poder após profundo descontentamento das suas sociedades com as oligarquias dominantes, que eram vistas como corruptas e promotoras de eleições fraudulentas. Ao mesmo passo que o futebol, antes das suas respectivas chegadas ao poder, profissionalizava-se. No Brasil através de um processo longo e fragmentado durante as décadas de 20 e 30, na Argentina de forma mais conjunta a partir de 1931. Nos dois casos a ascensão ao poder foi através de um golpe militar, mas Getúlio já chega como líder do movimento em 30 e chefia o Governo provisório, enquanto Perón vai ganhando espaço pouco a pouco após o golpe de 43. Outra similaridade entre os dois governos e seus líderes foi a forte relação com o mundo do trabalho, tendo sido

responsáveis pela concessão de uma série de benefícios aos trabalhadores, avanços na política e justiça trabalhista.

Enquanto o governo provisório de Vargas testemunhou maiores abalos na estrutura da política esportiva, principalmente do futebol, o governo de Perón desfrutou de certa estabilidade. O *dissídio esportivo* que dividiu o esporte brasileiro (de 1933 a 1937) entre a velha oligarquia que já o comandava e a nova elite surgida da Revolução de 30 teve uma análise superficial nesse momento da obra e será abordado novamente mais a frente.

Mesmo com todos os problemas políticos, as competições internacionais de futebol que envolvia o selecionado masculino brasileiro (Copa do Mundo, Campeonatos Sul-Americanos, Copa Roca e Copa Rio Branco) despertaram o interesse do governo pela grande mobilização de diferentes grupos sociais e pelo sentimento de pertencimento a nação que gerava. Após o fim da Revolução Constitucionalista em 32 o futebol seria acionado para integrar a nação: com a criação do Torneio Rio-São Paulo de Futebol. É importante notar também que os dois países foram protagonistas de uma ruptura, após uma série de incidentes políticos e dentro de campo, Argentina e Brasil ficaram dez anos (a partir de 46) sem se enfrentar com as suas respectivas seleções masculinas de futebol.

Perón e Vargas enfrentaram eleições após alguns anos de governo, na Argentina foram diretas em 46 e o coronel popular ganhou com maioria absoluta. No Brasil foram indiretas em 34, atendendo a um dos pleitos da sociedade civil e principalmente dos paulistas, e Getúlio finalmente elegeu-se tendo uma nova constituição aprovada. Porém, após os episódios da *Intentona Comunista* e do *Plano Cohen* o governo Vargas cria o Estado Novo em 37. Um novo golpe com apoio militar e feições autoritárias concede grandes poderes a Getúlio, que governa de forma centralizadora. Já o governo de Perón, a partir de 46 e com sua reeleição em 51, se deu através do estado de direito.

Como bem define o autor, *Tanto no Estado Novo brasileiro, como no governo de Juan Perón, os esportes nos dois países alcançaram um estágio até então inédito em suas respectivas pátrias.* (DRUMOND 2008: 37) No Brasil de Vargas o esporte foi unificado e um órgão governamental foi criado em 1941 para gerenciá-lo, o Conselho Nacional de Desportes. Sobre o CND, Drumond discorrerá mais aprofundadamente, porém uma crítica é devida no momento em que ele aponta o CND como incentivador do esporte amador, quando no futebol (principal esporte brasileiro) o profissionalismo já é dominante em 41, o que é notado pelo próprio autor quando comenta sobre a atuação da Confederação Brasileira de Desportos.

Tanto Perón (em 55) quanto Vargas (em 45) deixaram o poder após serem afastados pelas forças armadas. Com uma profunda popularidade, voltam pela última vez através do voto popular. Ambos também não saíram vivos da presidência, Getúlio suicidou-se em 54 e Perón faleceu em 74. Já na política esportiva não houve tamanha semelhança, no Brasil o governo Dutra deu continuidade ao modelo inaugurado pelo CND, culminando com a construção do Maracanã pelo Estado e com a realização da Copa do Mundo em 1950 no Brasil. Na Argentina, com a queda de Perón e a percepção que o esporte e os esportistas tinham forte ligação com o regime e a figura do presidente, foram promovidas mudanças estruturais na política de esportes. *Desperonizando* os esportes, assim como ocorreria em outros setores do governo e da sociedade argentina.

No segundo capítulo o autor trata de como o esporte aliado a propaganda política pode ajudar a construir uma nova noção de identidade nacional e uma identificação da nação com a sua liderança. Para entender o que o autor considera como sendo “identidade nacional” é preciso levar em conta alguns conceitos chave: o primeiro é o de identidade cultural⁵, que se define através do sentimento de pertencimento; o segundo é o de identificação social, que se define através do reconhecimento mútuo; o terceiro é o de nação, que se define como uma comunidade política imaginada⁶ e, mais além, um sistema de representação cultural⁷. Com

esse conjunto teórico temos uma noção de identidade e nação melhor acabada, nesse ponto o autor liga a idéia de identidade nacional à idéia de cultura nacional.

De que forma as concepções de “brasilidade” e “argentinidade” foram difundidas nas massas? Os meios de comunicação massivos (imprensa, rádio e cinema) cumpriram o papel de trazer a ideologia oficial do Estado para o cotidiano do povo. Os governos de Perón e Vargas controlaram e utilizaram esses meios largamente, difundindo a propaganda política do regime. No Brasil, vários departamentos de imprensa foram criados, culminando com o último e mais famoso: o DIP, que foi além, censurando a imprensa durante o Estado Novo. Na Argentina o governo justicialista adquiriu a maioria das ações do poderoso grupo Haynes e usou seus periódicos *Mundo*⁸ para exaltar o governo de Perón. A imprensa esportiva, em sua maior parte, também apoiava os governos.

O autor deixa claro que ocorreram resistências, até mesmo entre os atletas, aos dois governos e também frisa que a ideologia oficial foi resultado das trocas de idéias já presentes na sociedade. O Estado só fez adaptá-las aos seus intuitos e botá-las em prática, mas é claro que só havia expressiva recepção positiva (nos mais diversos meios da sociedade) porque atendiam a diversas demandas sociais e foram compatíveis com as tendências que já se encontravam presentes na sociedade.

Outra idéia do autor é a de utilização do esporte como política de estado, ao mesmo tempo em que essa utilização se fazia através dos órgãos de controle governamental junto aos clubes, federações e confederações, o esporte não competitivo era encarado como um dos formadores de um “novo homem”, a formação eugênica da juventude era uma das chaves para uma “nova nação”. A educação física, moral e cívica era um dos meios para formação de um “novo cidadão”. A Fundação Eva Perón (Eva era esposa de Perón e outro símbolo do governo justicialista) promovia os *Campeonatos Infantis Evita*, que associavam o regime e seus líderes

à prática esportiva, formando um “novo homem”, para além de dar uma sensação de identificação e integração nacional.

A ligação pessoal de Perón com os esportes era mais estreita do que no caso de Vargas, Perón era intitulado pela imprensa especializada como o *primeiro esportista*. O grande número de praças esportivas batizadas com o nome de Perón e Evita, para além dessa íntima relação, tem haver com as generosas subvenções dadas pelo governo aos diferentes clubes e federações, principalmente da Grande Buenos Aires. No caso brasileiro, o exemplo mais notável é o Estádio do Pacaembu em São Paulo, inaugurado em 1940. O autor ressalta que o Pacaembu, juntamente com São Januário, no Rio de Janeiro, abrigará grandes espetáculos cívicos no governo Vargas, mas não se atenta ao fato, neste momento, de que por apenas uma vez o então maior estádio do Brasil será palco da principal festa cívica no Estado Novo: o dia do trabalho, enquanto em São Januário será recorrente.

O espetáculo das festas cívicas, principalmente o dia do trabalho, era grandioso e tinha como um dos seus objetivos comemorar o “novo”: *novo governo, novo regime e novo país, fosse ele o Estado Novo de Vargas ou a Nova Argentina de Perón*. (DRUMOND 2008: 85) Por consequência também trás consigo a idéia de ruptura com o passado oligárquico, velho, arcaico, atrasado, corrupto etc.

O primeiro de maio no Brasil durante o Estado Novo é o exemplo que mais salta aos olhos, por todo apelo trabalhista do governo de Vargas, essa data era especialmente comemorada com um grande espetáculo. Segundo o autor, São Januário⁹, o então maior estádio da capital federal, ficava repleto (o público era transportado gratuitamente e a entrada era franca), o presidente adentrava o palco da festa em carro aberto, sua imagem era onipresente, o Hino Nacional era executado, vários discursos eram proferidos (com o ponto alto da fala presidencial), benefícios eram comunicados aos trabalhadores, para além de vários

desfiles e demonstrações militares, estudantis, de atletas e operários. A retirada de Vargas era triunfal e recheada de saudações por parte da assistência.

Nesse ponto o autor nota que apenas uma vez as principais comemorações do dia primeiro de maio aconteceram no Pacaembu (em 1944), mas fornece um dado impreciso quando afirma que as comemorações não mais aconteceram em São Januário a partir de 1943, quando em 1945 e em seu período eleito democraticamente (já com o Maracanã em funcionamento) Vargas torna a falar aos trabalhadores no primeiro de maio em São Januário.

Tudo era devidamente controlado e registrado pelo DIP, que propagandeava a grandeza da festa para todo o país e para o exterior. As festas cívicas nos estádios de futebol foram mais uma forma de associar esporte e Estado, a propaganda Varguista usava dos ricos elementos nacionalistas do futebol para exaltar a pátria em dia de festa.

Ambos os governos elaboraram projetos de intervenção estatal na gerência dos esportes, no Brasil isso se deu através da criação do CND, que pôs o controle dos esportes totalmente nas mãos do governo. A rixa entre as duas confederações de clubes de futebol acabou, com o CND a Confederação Brasileira de Desportos passa a controlar o principal esporte nacional. Na Argentina a dependência esteve nos campos financeiro e político, muitos presidentes de federações esportivas foram ligados ao regime.

Outra proposição de Drumond é entender como o futebol, representando a nação, pôde criar um clima festivo, de mobilização e galvanização nacionalista. As seleções do Brasil e da Argentina eram vistas como importante forma de alimentar o orgulho cívico de povo, principalmente quando a competição era internacional. A imprensa tinha um importante papel nesse sentido, procurando realçar o diferencial de um “novo povo” através do esporte. Como bem define o autor: *Assim, o esporte representava a nação e as batalhas travadas no campo esportivo envolviam simbolicamente toda a pátria.* (DRUMOND 2008: 105)

Na conclusão desse importante estudo que muito agrega a história dos esportes e que abre uma janela para o entendimento dos regimes analisados, o autor reafirma as idéias elaboradas durante a obra: o esporte foi apropriado pelos governos de Vargas e Perón no intuito de formar uma identidade nacional nas suas respectivas pátrias; por sua vez, também colaborou com a construção de uma nova noção patriótica e com o sentimento de pertencimento a nação; os governos buscaram apoio no esporte e na prática esportiva para galvanizar o sentimento nacionalista do povo; fizeram de tudo para aproximar as imagens dos seus líderes e dos seus governos ao capital simbólico dos esportes e da prática esportiva, utilizando a propaganda política e os meios de comunicação massivos para tal; instrumentalizaram e controlaram os esportes para atender seus intuitos; e por fim, todo esse processo elaborado para atingir a legitimação de seus governos e a popularidade de seus líderes.

¹ Defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, junto ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada/PPGHC.

² HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

³ Principalmente de 1930 a 1945, embora comente sobre o período em que Getúlio governou eleito diretamente.

⁴ Principalmente de 1946 a 1955, embora comente sobre o período de grande influência que Perón exerceu durante os governos militares posteriores.

⁵ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

⁶ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

⁷ HALL, Stuart. Op. Cit.

⁸ Dentre vários se destacavam o jornal *El Mundo* e a revista *Mundo Deportivo*.

⁹ Que sediará o primeiro de maio, durante o Estado Novo, por quatro vezes: de 1940 a 1942 e em 1945.